

## CÁSCARA SAGRADA

*Cortex rhamni purshianae*

*Rhamnus purshiana* De Candolle; Rhamnaceae.

Parte usada: casca.

A droga é de fraco odor característico e sabor amargo, mucilaginoso e levemente acre.

**DESCRIÇÃO MACROSCÓPICA** — Esta casca apresenta-se em fragmentos planos ou recurvados, sem se mostrarem completamente enrolados, de comprimento e largura variáveis e medindo de 1 a 5 mm de espessura. Sua superfície externa é constituída por um súber quase liso, de cor branco-acinzentada; e às vezes lentículas com muitas alongadas transversalmente: os fragmentos dos ramos mais idosos mostram-se, porém, bastante rugosos e, frequentemente, com líquens foliáceos e eventualmente com restos de musgo. O súber, que é pouco aderente, descobre, ao destacar-se, o parênquima cortical, de cor castanho-amarelada ou castanho-escuro, finamente estriado no sentido longitudinal. A superfície interna é de cor pardo-arroxeadada, pardo-avermelhada ou parda.

**DESCRIÇÃO MICROSCÓPICA** — Súber bastante espesso, formado de 10 a 15 ou mais camadas de células tabulares, delgadas e achatadas; parênquima cortical e floema bastante desenvolvidos, com grãos esferóides de amilo, apresentando, com exceção das zonas internas do floema e do floema uma multidão de grandes células esclerosas, reunidas em número de 20 a 50, em grupos irregularmente dispostos, alongados tangencialmente e circundados por fibras cristalíferas com cristais prismáticos de oxalato de cálcio; cristais estelares são dispersos em toda a extensão do parênquima cortical. Os raios medulares são estreitos, formados de 1 a 4 filas de células e contêm numerosos cristais geralmente prismáticos, de oxalato de cálcio.

### PROVAS DE IDENTIFICAÇÃO:

- A — Umedeça um corte transversal com água de cal SR: deve corar-se de vermelho-sanguíneo.
- B — Misture 0,1 g, previamente reduzido a pó, com 10 cm<sup>3</sup> de água quente e agite durante 5 minutos; filtre, dilua o filtrado com água até 10 cm<sup>3</sup> e junte 10 cm<sup>3</sup> de amônia R: a mistura deve corar-se de alaranjado.
- C — Proceda a uma caracterização macroquímica como está na monografia Sene, tomando 0,10 g de cáscara sagrada.

### IMPUREZAS:

**Extrato aquoso** — No mínimo 23 por cento.

**Resíduo pela incineração** — No máximo de 6 por cento.

**Substâncias estranhas** — No máximo 4 por cento.

**NOTA** — A cáscara sagrada não deve ser utilizada senão após 1 ano de sua colheita.

## PÓ DE CÁSCARA SAGRADA

*Pulvis rhamni purshianae*

**CARACTERES** — Pó de cor castanho-clara a castanho-esverdeada, (tamis 60), de odor fraco, mas característico, e de sabor amargo e mucilaginoso, nauseabundo. Deve satisfazer às exigências da Cáscara Sagrada.

**CONSERVAÇÃO** — Em recipientes bem fechados.

**NOTA** — A cáscara sagrada não deve ser utilizada senão após 1 ano de sua colheita.

## CASTANHA DA ÍNDIA

*Semen hippocastani*

*Aesculus hippocastanum* Linné; Hippocastanaceae.

Parte usada: semente.

A semente inteira é inodora; quando partida, possui odor fraco, não característico. Sua casca tem sabor adstringente; o embrião possui sabor amargo e produz salivação quando mastigado.

**DESCRIÇÃO MACROSCÓPICA** — A castanha-da-Índia apresenta-se como semente esférica e achatada de um só lado; seu maior diâmetro atinge a média de 3 cm e o menor 2 cm. Sua superfície é lisa e apresenta suaves depressões pela dessecação. Sua cor é castanha, com fraco brilho; no lado achatado encontra-se uma grande mancha mais clara, que corresponde ao hilo. O episperma é delgado, quebradiço, aderido em algumas partes aos cotilédones, dos quais pode ser facilmente separado. Os cotilédones são grandes e a radícula é pequena, curva e colocada na superfície de um deles ou na comissura de ambos. Durante a dessecação perdem seu contorno plano convexo, formando-se uma grande depressão; mostram na face externa, à qual podem aderir, pequenos restos do tegumento interno, de cor pardacento-clara e, na fratura, cor quase branca.

**DESCRIÇÃO MICROSCÓPICA** — O episperma apresenta, num corte transversal, um epiderma de células espessas, pardas, com contorno quase quadrado e um parênquima de células com paredes fortemente espessadas, pardacentas ou parcialmente brancas; o epiderma mostra, visto de face, células poligonais ou poligonais-arredondadas; o parênquima encerra inclusões pardas. Os cotilédones são recobertos por um epiderma de pequenas células, que, vistas de face, aparecem poligonais, mostrando paredes com um delicado espessamento reticulado. Sob o epiderma segue-se um parênquima que é constituído de pequenas células, na parte externa, as quais aumentam rapidamente em tamanho para o interior, atingindo algumas delas até 300  $\mu$  de diâmetro. Estas células são redondo-poliédricas e apresentam paredes brancas, espessadas, com uma pontuação pouco distinta; encerram amilo e gordura. Os grãos de amilo são simples, na maioria de 15  $\mu$  a 25  $\mu$ , ovóides, piriformes ou esféricos, com uma fenda dilacerada, às vezes estelar; são acompanhados de pequenos grãos de 2  $\mu$  a 8  $\mu$  de diâmetro.

**PROVA DE IDENTIFICAÇÃO:**

Transfira para um tubo de ensaio aproximadamente 0,1 g, do cotilédono triturado e misture com 10 cm<sup>3</sup> de água; aguarde 15 minutos, agitando por vezes. Agite enérgicamente: deve formar-se uma espuma forte e persistente.

**IMPUREZA:**

**Resíduo pela incineração** — No máximo 4 por cento.

**CONSERVAÇÃO** — Em recipientes bem fechados e ao abrigo dos insetos.

**CAULIM**

*Kaolinum*

Argila. Argila branca. Bôlo branco. Caulino.

O caulim é o silicato de alumínio hidratado, natural, convenientemente purificado, sem partículas arenosas, correspondendo, aproximadamente, à fórmula  $Al_2O_3 \cdot 2SiO_2 \cdot 2H_2O$ .

**CARACTERES** — Pó fino, branco ou branco-amarelado, levemente untuoso ao tato, de sabor ligeiramente adstringente. Umedecido com água fria toma consistência mais ou menos plástica e com a água quente desenvolve cheiro característico.

**Solubilidade** — Insolúvel na água e nos ácidos diluídos; pouco solúvel nas soluções de hidróxidos alcalinos.

**PROVAS DE IDENTIFICAÇÃO:**

A — Funda, em cadinho de níquel, 1 g com 2 g de carbonato de sódio anidro (R); dissolva o produto em água quente, filtre, acidule o filtrado com ácido clorídrico 3 N (SR) e evapore em banho-maria até à secura. Dissolva o resíduo, a quente, em 25 cm<sup>3</sup> de ácido clorídrico e filtre para separar a sílica: o filtrado deve dar as reações características do cátion alumínio.

B — A 1 g junte 0,5 cm<sup>3</sup> de nitrato de cobalto 0,5 N (SR) e calcine: o resíduo, depois de frio, deve tomar coloração azul-clara.

**IMPUREZAS:**

**Arsênico** — A 5 g junte 15 cm<sup>3</sup> de ácido clorídrico 3 N (SR), aqueça em banho-maria, durante 5 minutos, e filtre; lave o filtro e o resíduo com água, reuna as águas de lavagem ao filtrado anteriormente obtido e prossiga como descrito no Ensaio-limite de arsênico (2 partes por milhão).

**Ferro** — Ferva 2 g, durante 1 minuto, com 15 cm<sup>3</sup> de ácido clorídrico 3 N (SR) e filtre; lave o filtro e o resíduo com água e reuna as águas de lavagem ao filtrado anteriormente obtido. Prossiga como descrito no Ensaio-limite de ferro (50 partes por milhão).

**Metais pesados** — A 1 g junte 20 cm<sup>3</sup> de ácido acético diluído-Pb, ferva durante 1 minuto e filtre; prossiga como descrito no Ensaio-limite de metais pesados (10 partes por milhão).

**Sílica** — Agite 5 g com 50 cm<sup>3</sup> de água, deixe decantar e escoe a suspensão; repita a operação várias vezes: não deve ficar resíduo arenoso.

**Carbonato** — Misture 1 g com 5 cm<sup>3</sup> de água e cautelosamente, 5 cm<sup>3</sup> de ácido clorídrico 3 N (SR): não deve dar efervescência.

**Cloreto** — Ferva 2,5 g 50 cm<sup>3</sup> de água, durante 5 minutos e filtre; reserve 20 cm<sup>3</sup> do filtrado para o ensaio de sulfato e com outros 20 cm<sup>3</sup> proceda como descrito no Ensaio-limite de cloretos (350 partes por milhão).

**Sulfato** — Com os 20 cm<sup>3</sup> separados conforme ficou dito acima, proceda como descrito no Ensaio-limite de sulfatos (0,12 por cento).

**Perda por calcinação** — Em cápsula previamente tarada pese 5 g e calcine: no máximo a diferença de peso deve ser de 0,75 g (15 por cento).

**PODER ADSORVENTE** — Pese 5 g e junte, em uma proveta de 100 cm<sup>3</sup> com rólha esmerilhada, 45 cm<sup>3</sup> de azul de metileno (SR) e agite a mistura durante 2 minutos; filtre, após sedimentação durante 5 minutos, o filtrado deve ser incolor e limpo.

**CONSERVAÇÃO** — Em frascos bem fechados.

**CÊRA AMARELA**

*Cera flava.*

Cêra de abelha. Cêra virgem.

A cêra amarela é o produto obtido pela fusão e purificação da substância constituinte das paredes dos alvéolos produzidos pela abelha doméstica *Apis mellifica* Linné e outras espécies de Apidaeae.

**CARACTERES** — Massas amarelas, sólidas, opacas e volumosas; de cheiro aromático e agradável, que lembra o do mel, e sabor fraco, característico. Ao calor da mão torna-se plástica e untuosa ao tato; é de fratura granulosa.

**Solubilidade** — Insolúvel na água e muito pouco solúvel no álcool frio; o álcool fervente dissolve o ácido cerótico e a miricina, que são alguns de seus constituintes. É solúvel no clorofórmio, no éter, na essência de terebintina a quente, nos óleos fixos e voláteis. Parcialmente solúvel no benzeno e no sulfeto de carbono, quando frios, e solúvel quando à temperatura de 30°.

**Densidade** — Entre 0,950 e 0,960, quando determinada da seguinte maneira: funda-a na temperatura mais baixa possível e faça-a gotejar sobre uma placa de vidro fria; deixe os glóbulos assim obtidos, ao ar e à temperatura ambiente, durante 24 horas. Faça uma mistura de 4 volumes de álcool R e 6 volumes de água e deixe-a em repouso até voltar à temperatura ambiente; umedeça os glóbulos de cêra acima obtidos com